



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
HIGOR GRACIANO BERNEIRA

ONDE VIVEM OS MONSTROS:
A MELANCOLIA NO FANTASIAR DE UMA CRIANÇA

Tubarão
2021



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
HIGOR GRACIANO BERNEIRA

**ONDE VIVEM OS MONSTROS:
A MELANCOLIA NO FANTASIAR DE UMA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Prof. Dr. Alexandre Linck Vargas (Orientador)

Tubarão
2021

HIGOR GRACIANO BERNEIRA

**ONDE VIVEM OS MONSTROS:
A MELANCOLIA NO FANTASIAR DE UMA CRIANÇA**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 09 de dezembro de 2021.

Prof. Dr. Alexandre Linck Vargas (Orientador)
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dra. Djulia Justen (Avaliador)
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Dilma Beatriz Rocha Juliano (Avaliador)
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Onde Vivem os Monstros é um filme baseado em um livro infantil que traz como protagonista uma criança chamada Max. Durante um conflito com sua mãe, ele foge de casa e chega a uma ilha onde vivem monstros. Baseando-se em teorias de Sigmund Freud, Jacques Lacan e Robert Burton, esta monografia analisa a melancolia e a fantasia presente no longa-metragem. A metodologia é qualitativa, com pesquisa bibliográfica e de caráter exploratório. Conclui-se que Max é uma criança melancólica e a fantasia vivida na ilha dos monstros é um rearranjo especular do Eu.

Palavras-chave: Melancolia. Infância. Fantasia.

ABSTRACT

Where The Wild Things Are is a movie based on a children's book that brings as a main character a child named Max. During a fight with his mother, he runs away from home ends up on an island where wild things live. Based on the theories of Sigmund Freud, Jacques Lacan and Robert Burton, this monography analyzes the melancholy and the fantasy present in the feature film. The methodology is qualitative, with bibliographic research and exploratory analysis. Therefore, it is possible to conclude that Max is a melancholic child and the fantasy lived on the wild things island mirror rearrangement of the Self.

Keywords: Melancholia. Childhood. Fantasy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Brinquedos do quarto de Max.....	11
Figura 2 - Cena interna da cabana (nave espacial) de Max.....	13
Figura 3 - Cena da fuga de Max	14
Figura 4 - Cena de Max na floresta/Entrada de seu mundo imaginário.	15
Figura 5 - Max e os monstros à beira do penhasco.	18
Figura 6 - Fortaleza dos monstros em construção.	21
Figura 7 - KW com Bob e Terry em seus braços.	22
Figura 8 - Max sozinho na floresta.....	25
Figura 9 – Renascimento de Max.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	A MELANCOLIA DE MAX	10
3	ONDE VIVEM OS MONSTROS.....	16
4	O RETORNO AO MUNDO REAL	26
5	CONCLUSÃO.....	31
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Onde Vivem os Monstros, do diretor Spike Jonze, lançado em 16 de outubro de 2009, é um filme baseado em um livro infantil, de mesmo nome, do autor e ilustrador Maurice Sendak. O filme conta a história de Max, uma criança que ao brigar com sua mãe, foge de casa para uma ilha onde vivem monstros. Lá ele se torna rei e promete transformar a ilha em um lugar onde todos serão felizes.

A melancolia foi escolhida como tema, bem como o filme supracitado, pelo questionamento de como é a vida de uma criança melancólica e se fantasias vivenciadas por esta são manifestações dessa moléstia. Portanto, o objetivo desta pesquisa é analisar se a fantasia vivida pelo protagonista Max, em *Onde Vivem os Monstros*, é uma manifestação melancólica devido aos acontecimentos que este vive em seu momento de vida.

Outros pesquisadores que se propuseram a analisar esse filme, buscaram estudar outros aspectos. Baeza e Soares (2013, p. 39) tiveram como objetivo “partir da estória do filme ‘Onde vivem os monstros’ e abordar alguns aspectos do desenvolvimento psíquico infantil”. Caridade (2016, p. 21) buscou analisar a fantasia do filme, pois segundo ele, a fantasia “é um dos pilares mais importantes dentro do estudo da psicanálise.” e, portanto, é importante para um psicólogo, “pois clarifica a apresentação da fantasia e como se instala no indivíduo, possibilitando dessa forma ampliações de diferentes maneiras de manifestação do conteúdo na prática clínica, além de real compreensão das fantasias do paciente em suas repercussões na vida.” (CARIDADE, 2016, p. 21). Cavalcante (2012, p. 06) realizou sua pesquisa a fim de compreender “sobre o fenômeno da tradução, mais especificamente sobre a tradução entre signos que ocorre na adaptação fílmica”. Quanto a presente pesquisa, tem como intenção analisar o longa-metragem para compreender se o personagem Max é uma criança melancólica. A pesquisa não se baseia em teorias narrativas ou estudos do cinema, mas sim, em teorias psicanalíticas. Portanto, é uma análise de caráter clínico.

Assim, é utilizado *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 2010a), *Luto e Melancolia* (FREUD, 2010b), *O Mal-Estar na Civilização* (FREUD, 2010c), *O Poeta e o Fantasiar* (FREUD, 2015) e *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu* (LACAN, 1996). Também é utilizada a obra renascentista de Robert Burton (2011), *A Anatomia da Melancolia*, para analisar alguns traços estéticos da melancolia presente no filme. A metodologia é qualitativa, com pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório.

A monografia divide-se em três capítulos. O primeiro é *A Melancolia de Max*, onde é analisado as cenas iniciais do filme até o momento em que Max parte para a ilha dos monstros, na qual busca elucidar os traços melancólicos de Max. O segundo, *Onde Vivem os Monstros*, analisa a vivência de Max na ilha desde o início de seu reinado até o seu declínio. E, por último, *O Retorno ao Mundo Real*, que estuda as cenas finais, ou seja, do declínio de Max ao seu retorno para casa.

2 A MELANCOLIA DE MAX

A melancolia, segundo Freud (2010b, p. 172-173),

Se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição.

Portanto, há no sujeito melancólico um sentimento de perda e culpa. No luto, o sujeito perde algo ou alguém e reconhece o que perdeu, já na melancolia, a perda “é de natureza mais ideal. O objeto não morreu verdadeiramente, foi perdido como objeto amoroso” (FREUD, 2010b, p. 175). Logo, na melancolia, o objeto perdido é difícil de ser descoberto “e é lícito supor que tampouco o doente pode ver conscientemente o que perdeu.” (FREUD, 2010b, p. 175). Por este motivo, o melancólico não sabe especificar o que o faz sofrer.

Em *Onde Vivem os Monstros*, o personagem Max é uma criança melancólica, que está sempre buscando a atenção de seus familiares. Nos primeiros minutos de filme, Max, sozinho, está construindo um iglu. Ao concluir, ele dirige-se até sua irmã mais velha pedindo para ela ver sua construção, mas ela está em um telefonema e apenas diz para ele ir brincar com seus amigos. Max retorna para seu iglu e começa a brincar com as cercas como se fossem pessoas, dando ordens para elas. Ele chuta uma das cercas e diz: “Não! Não fale comigo assim. Você é só uma cerca. Vá brincar com suas amigas cercas.” (02min:09seg). Em sua brincadeira, Max assume o papel de uma autoridade e atribui à cerca o papel de Max, ou seja, ele está agredindo e humilhando a si próprio.

Pouco tempo depois, Max vê os amigos de Claire (sua irmã) chegarem em sua casa. Ele então faz algumas bolas de neve e arremessa em sua irmã e seus amigos. A trilha sonora torna-se alegre, todos decidem brincar com Max e uma guerra de bola de neve inicia-se. Porém Max refugia-se em seu iglu e um dos amigos de Claire o persegue e destrói sua construção. Max levanta-se chorando e olha diretamente para sua irmã, que não demonstra nenhuma reação, apenas entra no carro e parte para seu destino. A trilha sonora do filme torna-se agitada e agressiva. Max retorna para casa enfurecido, entra no quarto de Claire e bagunça-o por completo. Neste momento, Max nota um coração feito de papel que ele mesmo fez. No coração está escrito “Para Claire, de Max”. Ele então destrói o coração, mas logo sua ira acalma-se e ele observa o coração rasgado no chão e tenta reconstruí-lo.

A pessoa que provocou o distúrbio afetivo do doente, e para a qual está orientada sua doença, normalmente se encontra no círculo imediato dele. Assim, o investimento amoroso do melancólico em seu objeto experimentou um duplo destino: parte dele regrediu à identificação, mas outra parte, sob a influência do conflito da ambivalência, foi remetida de volta ao estágio do sadismo, mais próximo desse conflito. (FREUD, 2010b, p. 184).

Assim, o melancólico possui um sadismo contra o seu próprio Eu. Esse sintoma pode ser visto em Max quando ele destrói o coração que ele fez para sua irmã. Pois para ele, inconscientemente, é como se a culpa não fosse dela por não o acolher, mas dele mesmo por amá-la.

A cena altera para uma trilha sonora calma e triste, a tonalidade da imagem é fria, diversos objetos do cenário são azuis e o enquadramento é focado em Max, intensificando a tristeza e sofrimento que ele está sentindo. Deitado em sua cama, Max observa os brinquedos em seu quarto e a câmera foca em dois bonecos:

Figura 1 - Brinquedos do quarto de Max



Fonte: *Onde Vivem os Monstros*, 2009.

Nessa cena há uma casa feita de pequenos galhos que se assemelha à fortaleza que Max construirá na ilha dos monstros. Os bonecos estão unidos e passa a impressão de ser uma criança nos ombros de um adulto, uma possível representação de Max com seu pai. Logo após, Max contempla um globo terrestre, no qual está escrito “Para Max, o dono deste mundo. Com amor, pai”. O pai de Max é um personagem ausente no filme. Ele é citado apenas uma vez, em um telefonema, no qual Claire está conversando com alguém e comenta que no final de semana terá que ir para a casa de seu pai. O filme não explicita que os pais de Max são divorciados, porém é nítido que é este o caso, pois seus pais não moram mais juntos e sua mãe já está em

outro relacionamento. Deste modo, o divórcio pode ser algo que afetou profundamente Max, pois é evidente que ele necessita estar próximo aos seus familiares e isto é provavelmente causado devido ao medo de perder novamente alguém que convive com ele. “No luto é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio eu.” (FREUD, 2010b, p. 175-176). Há a possibilidade de que a ausência do pai de Max causou a perda do ideal de família, como também a perda do seu próprio eu.

Ao anoitecer, Connie (mãe de Max) está em casa em uma ligação a trabalho. Max aproxima-se dela e começa a fazer brincadeiras para chamar a sua atenção. Quando a ligação acaba, Connie nota que Max parece triste e pergunta se ele quer contar uma história a ela. Então ele narra:

Era uma vez dois edifícios. Dois edifícios bem altos... que podiam andar. E tinha uns vampiros. Um dos vampiros mordeu o edifício mais alto... e seus dentes caninos quebraram. Ai todos os outros dentes caíram. E ele começou a chorar. Então, os outros vampiros perguntaram: “Por que você está chorando? Não são só dentes de leite?”. E... ele respondeu, “Não. São meus dentes definitivos.”. E os vampiros viram que ele não poderia mais ser vampiro... e o abandonaram. Fim. (08min:35seg).

Nessa narrativa Max declara suas frustrações. Os edifícios são os problemas no qual Max percebe serem maiores do que ele. Ao morder o edifício, o vampiro, que é o próprio Max, perde seus dentes, porém não são os seus dentes-de-leite, mas os verdadeiros. Logo, a sua frustração não é algo simples de uma criança, mas uma frustração verdadeira, de um adulto. Ele sente-se impotente e culpa-se por não ter capacidades suficientes para manter todos unidos. Logo, ele acredita que a causa da desunião de sua família foi ele próprio.

Na escola, Max está assistindo a uma aula sobre o sistema solar, porém ele fica assustado quando seu professor começa a falar sobre o sol:

Mas é claro que o sol não estará sempre aqui para nos aquecer. Ele, como todas as coisas, morrerá. Mas antes de morrer, ele se expandirá... envolvendo todos os planetas circundantes, inclusive a Terra... antes de consumi-los rapidamente. O sol, afinal, é apenas combustível queimando ferozmente. E quando o combustível acabar, ele morrerá. Depois, o sistema solar ficará permanentemente escuro. Até lá, a raça humana estará extinta devido a uma dessas calamidades: Guerra, poluição... aquecimento global... tsunamis... terremotos, meteoros. (09min:57seg).

Ao chegar em casa, Max constrói uma cabana de lençóis que ele diz ser uma nave espacial e dentro dela, ele coloca seus brinquedos. Nessa cena, é notado um jogo de cores.

Figura 2 - Cena interna da cabana (nave espacial) de Max



Fonte: *Onde Vivem os Monstros*, 2009.

Observa-se que fora da “nave espacial” há as cores azul e verde. Cores frias, que representam a tristeza e a solidão no filme. Enquanto na parte interna há uma cor quente, amarelada, representando que é um lugar aquecido e seguro. Max chama sua mãe várias vezes e diz que ela precisa correr, pois há perigos onde eles estão e logo a nave partirá. Ela apenas responde que está ocupada, mas Max continua insistindo, porém, ela não o responde. Motivado pelo medo, Max deseja criar um lugar seguro para salvar sua família de um mundo que será destruído e neste lugar, a tristeza e a solidão ficarão do lado de fora.

Por não receber nenhuma resposta, Max veste seu traje de lobo e desce até a cozinha em busca de sua mãe, porém ele acaba encontrando-a na sala com o namorado e Max demonstra não gostar da situação. Connie vai até a cozinha e começa a preparar o jantar. Para expressar sua insatisfação, Max começa a implicar com os alimentos que ela está preparando. Connie fala para Max chamar a sua irmã, mas ele simplesmente grita repetindo o que sua mãe falou. Ela pede para Max não repetir o que ele fez, então ele sobe na mesa e diz “mulher, alimente-me!” (13min:31seg) com um tom grave, como se tentasse imitar a voz de um adulto. Ele ignora todos os pedidos de sua mãe para que ele desça, demonstrando que ele é a autoridade. Connie começa a perder a paciência e grita com Max. Ele responde “vou devorar você!” (13min:42seg). Ela o agarra e grita que seu comportamento não é aceitável e ordena para que ele retorne ao seu quarto. Max morde o ombro de Connie e ela o solta e diz “Max! Você me mordeu! Doeu! [...] Max! O que há com você? Está descontrolado!” (13min:58seg). Max fica assustado e grita, chorando, “a culpa não é minha!” (14min:07seg). Ele levanta-se e foge de casa. A família de Max demonstra ser completamente desunida. Há pouca interação entre eles. Em momento algum Claire aparece interagindo com a sua mãe ou seu irmão. Connie interage com Max, mas

por pouco tempo em tela e boa parte desse tempo é uma discussão. Há nos membros dessa família um comportamento solitário, cada um isolando-se em seu próprio lugar. Nenhum deles, nem mesmo Max, fala abertamente sobre suas angústias.

Connie corre atrás de Max e ele aparenta estar divertindo-se com a situação, como mostra a imagem a seguir:

Figura 3 - Cena da fuga de Max



Fonte: Onde Vivem os Monstros, 2009.

Essa felicidade que Max demonstra aparenta vir de um sentimento sádico, como se ele estivesse sentindo prazer em ver sua mãe sofrer, implorando para que ele retorne. De certa forma, vingando-se da ausência que ela o causa. Sigmund Freud (2010a, p. 171-1725), no texto *Além do Princípio do Prazer*, narra a história de uma criança que brincava com um carretel. Uma brincadeira simples, na qual essa criança, repetitivamente, jogava o carretel em um lugar onde ele desaparecia e depois o puxava para que ele reaparecesse. A partir disso, Freud diz que esse jogo inventado pela criança representava sua relação com sua mãe. Sempre que o carretel sumia, simbolizava a ausência dela, e quando reaparecia, o seu retorno. Porém, o que mais intrigou Freud é que a criança repetia mais o ato de desaparecer do que o de reaparecer. Então ele teoriza:

Ele [a criança] se achava numa situação passiva, foi atingido pela vivência e, ao repeti-la como jogo, embora fosse desprazerosa, assumiu um papel ativo. [...] O lançamento do objeto, de modo que desapareça, poderia constituir a satisfação de um impulso, suprimido na vida, de vingar-se da mãe por ter desaparecido para ele, tendo então o sentido desafiador: “Sim, vá embora, não preciso de você, eu mesmo a mando embora” (FREUD, 2010a, p. 173-174).

Logo, Max está assumindo o papel ativo sobre seus problemas, e isto o impulsiona para a criação do seu lugar utópico onde ele se tornará o rei que expurgará a tristeza e a solidão. Durante a fuga, Max despista sua mãe, adentra uma floresta e encontra um pequeno barco amarrado a uma árvore. A câmera foca em seu rosto e a imagem duplica-se, mostrando um segundo Max, no qual retrata o seu Eu íntimo. Então a coloração amarela da cena torna-se azul, transmitindo que a alegria que Max sentiu é superficial, pois seu sofrimento permanece em seu interior.

Figura 4 - Cena de Max na floresta/Entrada de seu mundo imaginário.



Fonte: *Onde Vivem os Monstros*, 2009.

Max entra no pequeno barco e veleja em um imenso oceano azul, no qual simboliza seu insignificante esforço para atravessar a enorme tristeza que o assola. Max viaja para o seu interior, onde encontrará os seus próprios monstros.

3 ONDE VIVEM OS MONSTROS

Após dias de viagem, Max chega a uma ilha. Ele adentra uma floresta e encontra uma pequena aldeia em chamas e um grupo de criaturas que lembram ursos-de-pelúcias gigantes. Max esconde-se e observa as criaturas. Uma dessas criaturas está destruindo as casas, que por sinal, assemelham-se com a pequena casa que Max fez para seus brinquedos, mostrada na Figura 1. Todas as criaturas aparentam estar tristes enquanto observam o monstro, que se chama Carol, destruir a aldeia. O grupo de monstros questiona se é necessário que Carol continue destruindo as casas. Em resposta ele diz: “Pergunte a KW. Pergunte a KW se é necessário.” (20min:53seg). Um dos monstros conta que KW não está, pois ela partiu. Carol rapidamente responde: “Foi embora. Foi embora. Exato. Por isso é necessário” (20min:59seg). As casas que estão sendo destruídas são as moradas dos monstros, incluindo Carol. Ou seja, ele está destruindo algo que pertence a seu grupo e a si próprio porque KW o abandonou. Observa-se que esse trecho relembra a cena citada no capítulo 2 desta monografia, na qual Max, após se sentir abandonado pela irmã, destrói o coração que ele fez para ela.

Carol pede aos demais monstros para ajudá-lo. Ira, um monstro de personalidade pacífica, aceita. Ira destrói uma das casas e um membro do grupo pergunta se ele está ficando louco. Carol diz: “Não, não, louca está ela [KW]! Só estou acabando com a loucura.” (21min:34seg). Um dos monstros diz que acredita que a loucura não pode ser eliminada. Carol pergunta se ninguém mais ficará do seu lado e Ira responde: “Bem, quer dizer... Acho que não.” (21min:43seg). Carol entristecido diz: “Tá. Eu ficarei do meu lado... sozinho” (21min:49seg). Nesse momento, Max, comovido, levanta-se de seu esconderijo, corre em direção de uma das cabanas e começa a destruí-la. Carol simpatiza com Max. Ele diz que gosta do jeito que Max destrói as coisas.

Os dois começam a destruir a aldeia juntos, porém, Max colide contra uma cabana que há um monstro com aparência de um boi. Ele emite um grunhido grave que assusta Max. Os outros monstros aproximam-se e indagam com tom de irritação: “O que está fazendo?” (24min:23seg). Max, atrapalhando-se com as palavras, diz que está apenas ajudando. “Destruindo nossas casas?” (24min:28seg) pergunta Douglas, o monstro com aparência de uma ave. A trilha sonora inicialmente tem uma melodia triste, mas logo torna-se tensa. O grupo começa a cercar Max e a desabafar diversas frustrações. Eles então propõem devorá-lo. Judith, a parceira de Ira, fala que Max é egoísta e que espera que ele não tenha um gosto tão egoísta quanto ele aparenta. Nota-se que Judith está personificando o desejo autodestrutivo de Max,

um investimento agressivo contra seu próprio Eu, sintoma característico de melancolia. “O automartírio claramente prazeroso da melancolia significa, tal como o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio relativas a um objeto, que por essa via se voltaram contra a própria pessoa.” (FREUD, 2010b, p. 184).

Max, que no momento está assustado e completamente cercado pelos monstros, grita para que eles parem. Intrigados, eles obedecem, mas o questionam do porquê devem parar. Max diz que eles não podem comê-lo, pois ele é um ser poderoso de outra terra e de outra era. Para convencê-los, Max narra a história de uma invasão viking que ele sofreu em sua fortaleza de gelo. Segundo Max, os vikings eram criaturas gigantes, maiores que os monstros. Eles tentaram invadir a fortaleza pelo teto, mas Max a tinha construído resistente. Ele ordenou que os vikings ficassem quietos, porém eles não obedeceram. Então Max os conquistou e explodiu suas cabeças para que eles reconhecessem o seu poder. E assim os vikings tornaram Max o rei deles. Percebe-se que nesse trecho, Max fantasia a cena ocorrida no início do filme, onde os amigos de Claire destroem seu iglu.

Freud, em *O Mal-estar na Civilização* (2010c), diz que a psique humana possui métodos para prevenir o sofrimento. Nota-se que o que foi descrito até então sobre a vivência de Max aplica-se ao método da ilusão.

Nele [método da ilusão] o vínculo com a realidade é ainda mais frouxo, a satisfação é obtida de ilusões que a pessoa reconhece como tais, sem que a discrepância entre elas e a realidade lhe perturbe a fruição. O âmbito de que se originam tais ilusões é aquele da vida da fantasia; quando ocorreu o desenvolvimento do sentido da realidade, ele foi expressamente poupado do teste da realidade e ficou destinado à satisfação de desejos dificilmente concretizáveis. (FREUD, 2010c, p. 36-37)

Max lida com seu sofrimento fantasiando-os. Portanto, é possível que sua vivência na ilha dos monstros seja uma fantasia de sua melancolia, e por isso há nos monstros um tom melancólico, pois eles são personificações de seus desejos, medos e frustrações.

A história sobre os vikings impressiona os monstros. “Quer dizer que era o rei deles e todos ficaram em paz?” (27min:33seg) questiona Carol. Max responde que sim. “Bom, e quanto a solidão?” (27min:40seg) diz Carol. Douglas intromete-se para esclarecer a questão de Carol e diz: “O que ele quer saber é: vai manter longe a tristeza?” (27min:44seg). A câmera foca no rosto de todos os monstros. Eles estão apreensivos e com um olhar soturno. Max argumenta: “Eu tenho um escudo ‘antitristeza’ que não deixa a tristeza chegar. E é grande o bastante para todos nós.” (27min:59seg). Os monstros ficam cada vez mais impressionados com Max. “Parece que encontramos o nosso rei. Você é nosso rei, Certo?” (28min:35seg) indaga

Carol. “É. É, sou sim.” (28min:40seg) afirma Max. Nesse momento KW retorna. Ela é um monstro com feições tristes e mesmo quando está junto com os demais monstros, ela parece distante. Judith diz a ela, com tom ácido: “Pensei que estivesse com seus novos melhores amigos, Bob e Terry.” (28min:55seg). Esse comentário rememora o sentimento de Max de ter sido trocado pelos amigos de Claire e mostra o seu desejo em punir sua irmã por isso. Porém, ao mesmo tempo, os demais monstros ficam felizes pelo retorno de KW, pois o desejo de Max era que sua irmã abandonasse seus amigos para retornar a ele.

Os monstros coroam Max e depositam nele a esperança de que ele será capaz de torná-los felizes. Inicia-se o reinado de Max e sua missão de expurgar a tristeza da ilha dos monstros. Seu primeiro ato como rei é dar início a “bagunça geral”. A trilha sonora torna-se alegre enquanto todos brincam e correm pela floresta. A tonalidade da imagem é fria, porém, ao chegarem a um penhasco, o sol nasce, trazendo à cena uma tonalidade quente. Todos se reúnem na beira do penhasco e uivam para o sol. É a primeira cena do filme em que todos os monstros parecem felizes e unidos. A cena é como uma metáfora para o renascimento do sentimento de alegria. Essa tonalidade quente manter-se-á até o momento do declínio do reinado de Max.

Figura 5 - Max e os monstros à beira do penhasco.



Fonte: *Onde Vivem os Monstros*, 2009.

Observa-se que os monstros são criaturas humanoides com feições animais, lembrando seres licantropos. Em *A Anatomia da Melancolia*, o autor renascentista Robert Burton (2011, p.29) cita o pensamento de alguns filósofos da Grécia Antiga sobre a melancolia. Ele aponta que a “licantropia, [...] ou loucura lupina, quando homens correm uivando sobre túmulos e campos noite afora e não se dissuadem de que sejam lobos ou outras feras. Aécio e

Paulo de Egina chamam-na de um gênero de melancolia.”. E acrescenta que “Melanélío, a partir de Galeno, Rufo e Aécio, descreve-a [a melancolia] *como uma doença terrível e rabugenta que faz os homens degenerarem em feras.*” (BURTON, 2011, p. 64, grifo do autor). Esse pensamento da antiguidade corrobora esteticamente com a melancolia presente no longa-metragem. Burton ainda articula que esses fenômenos místicos estão ligados ao imaginário do melancólico: “Weyer atribui todas as transformações [licantropia e outras transformações místicas] famosas à imaginação; [...], que os melancólicos e doentes concebem visões e aparições fantásticas para si mesmos e que têm aparições absurdas em que são Reis.” (BURTON, 2011, p. 174). Não por acaso, Max, em sua imaginação, torna-se rei fantasiado de lobo.

Carol e Max, sozinhos, começam a andar e conversar pela floresta. Carol diz “bem, essa é a nossa família. Veja como estão animados por terem um rei. Às vezes, eles têm um modo estranho de demonstrar. Eles agem de forma estranha e podem ferir os sentimentos dos outros.” (34min:21seg). Observa-se que Carol fala na terceira pessoa, porém ele não se exclui da frase, pois ele também é um membro dessa família. Carol é o personagem mais semelhante a Max, eles compartilham os mesmos desejos e as mesmas reações quando estes não são realizados. Logo, a fala de Carol traz os mesmos sentimentos de Max: o de ser ferido por sua família e feri-la em retorno, com intuito de vingar-se.

Em uma das brincadeiras, Max assusta KW e pula sobre ela. Após isso, todos os monstros começam a pular sobre os dois, formando uma pilha de monstros. Eles permanecem dessa forma e comentam que poderiam ficar assim para sempre, pois é muito confortável. No início, Max sente-se sufocado e assustado, mas KW o ajuda a sair de baixo dos demais. Aproveitando o momento, Max questiona se KW ficará junto com todos, pois isso faria todos mais felizes. Ela diz ainda não saber, pois é uma situação complicada. Max pergunta se o que deixa ela nessa situação é por ela gostar mais dos seus outros amigos (Bob e Terry). Ela fica desconfortável e rapidamente muda de assunto, questionando Max de como ele chegou na ilha dos monstros. Max responde que ele é um grande explorador e que viaja muito pelo mundo. “Então, obviamente, não tem casa, nem família.” (39min:07seg) diz KW. Max sente-se triste e diz que “eu tinha família, mas...” (39min:14seg). KW o interrompe: “você a devorou?” (39min:13seg). Essa pergunta entristece ainda mais Max. Ele sente-se culpado, mas justifica-se, dizendo que não os devorou, apenas mordeu um deles, pois ele não gostou do que sua mãe havia feito para o jantar. “Sinto muito. Por isso foi embora?” (39min:32seg) pergunta KW. “Eles me tratam como seu eu fosse mau.” (39min:38seg). “E você é?” (fala de KW, 39min:40seg). “Eu não sei. Eu não sei” (39min:41seg) responde Max. Essa cena retrata os

sentimentos de Max na hora de sua fuga. Ele diz que sua família o vê como mau, pois ele se vê assim. A culpa por ferir sua mãe o assombra. A cena conclui-se com Max e todos os monstros dormindo juntos, aninhados.

Ao amanhecer, Max acorda sendo carregado por Carol. Max senta-se sobre os ombros de Carol. Então, Carol começa a apresentar as terras das quais Max é dono. “Isso tudo é seu. Você é dono deste mundo.” (41min:29seg) diz Carol. Essa frase é similar ao que está escrito no globo terrestre que o pai de Max o presenteou, citado no capítulo 2 desta monografia. E Max sobre os ombros de Carol faz referência aos brinquedos mostrados na figura 1. É plausível considerar que essa cena é uma reconstrução de algum passeio que Max fez com seu pai no passado, algo que não é mostrado no filme.

Carol e Max chegam a um deserto. Carol revela não gostar desse lugar. “Isso tudo era pedra e agora é areia. E um dia será pó. Então a ilha inteira será pó. Aí, eu nem sei o que vem depois do pó” (42min:13seg). Para Max, a ilha é uma metáfora para sua família. A pedra representa seu lar antes da separação de seus pais, quando sua família ainda era uma “estrutura sólida”. Porém ela foi se desfazendo e tornando-se pó. E ao dizer que a ilha inteira virará pó, demonstra que Max tem medo de que os demais membros de sua família o abandonem.

Max pergunta a Carol se ele sabia que o sol um dia iria morrer. Carol surpreende-se com a questão e diz nunca ter ouvido falar sobre isso. Ele olha para o rosto de Max e percebe que ele está triste. Então, para consolá-lo, Carol diz “Ah, qual é! Isso não vai acontecer. Você é o rei, e olhe para mim. Eu sou grande. Por que a gente vai se preocupar com uma coisinha pequena como o sol?” (42min:49seg). Esse trecho remete ao citado no capítulo 2, no qual o professor de Max fala sobre a morte do sol. Ainda assustado com a história, Max, ao revelar esse seu medo a Carol, demonstra sua necessidade de ser acolhido. Carol, adotando uma figura paternal, consola e encoraja Max, reafirmando que ele é o rei e tem capacidade de salvar a todos. Ou seja, realizando o desejo de Max citado no capítulo anterior.

Max e Carol chegam a uma caverna. Nela há uma espécie de maquete de uma ilha repleta de montanhas feitas de galhos. Há também miniaturas dos monstros vivendo em suas casas ou passeando pelas ruas. A trilha sonora torna-se melancólica enquanto Carol revela que foi ele quem construiu a maquete. Ele manuseia tristemente a miniatura de KW e diz:

A gente ia fazer um mundo inteiro assim, mas... Todo mundo costumava vir aqui..., mas você sabe... Sabe como é quando os seus dentes vão caindo devagar... e você nem percebe..., mas, de repente, se dá conta de como estão separados? Ai um dia... você não tem mais dente nenhum? (44min:54seg)

Max concorda com Carol. A solidão de Max é visível desde os primeiros minutos do longa-metragem. E nesse trecho, pode-se ver que a história de Carol rememora a história que Max conta a sua mãe, sobre o vampiro que perdeu os dentes. Ou seja, o sentimento de sua impotência em manter sua família unida é revivido em Carol.

Carol mostra os detalhes de sua maquete para Max. Encantado com o que vê, Max diz que gostaria de morar nesse lugar. Carol concorda e fala que nesse lugar só aconteceria as coisas que eles gostariam que acontecessem. Max diz que eles podem construir um lugar assim. Ambos ficam animados com a ideia, retornam até os demais monstros e iniciam os planos para construir uma fortaleza, na qual Max sugere que tenha um dispositivo que arranque os cérebros de seres indesejados que tentem invadi-la. E assim, tem início os planos de Max para construir seu lugar utópico. Desde o momento em que Max fugiu de sua casa, sua intenção era fugir da realidade. Como Freud (2010c, p. 37) aponta, “o eremita dá as costas a este mundo, nada quer saber dele. Mas pode-se fazer mais, pode-se tentar refazê-lo, construir outro em seu lugar, no qual os aspectos mais intoleráveis sejam eliminados e substituídos por outros conformes aos próprios desejos.”. Em sua ilha, Max exclui a solidão e, por esse motivo, os monstros sempre estão juntos com ele. Ao dormir, eles aninham-se e ao amanhecer eles brincam juntos. A união é a principal característica da fantasia de Max que difere de sua realidade.

Max e os monstros buscam os materiais necessários para fortaleza e iniciam sua construção. Todos trabalham juntos e sentem-se felizes com o trabalho em equipe. Com metade da fortaleza pronta, eles fazem uma pausa para descansar.

Figura 6 - Fortaleza dos monstros em construção.



Fonte: *Onde Vivem os Monstros*, 2009.

Max e Carol fazem um pequeno desenho de um coração na parede. Eles se abraçam e uivam juntos enquanto Judith os observa à distância. Ela chama Max e questiona o que ele estava fazendo com Carol. Ele responde que eles estavam apenas conversando. Judith diz: “Um segredo, hein? Diga-me uma coisa: como é que rola aqui? Somos todos iguais, alguns melhores que os outros ou... Tem suas preferências, não é, Rei?” (52min:28seg). Max diz que gosta igualmente de todos, mas Judith não acredita e repete que ele tem o seu preferido entre os monstros. Tem início uma discussão, eles provocam-se, riem debochadamente um do outro até o momento em que Judith zanga-se. Irritada, ela fala: “Se ficarmos irritados, você não pode ficar também. Nós podemos ficar irritados. Se eu ficar zangada e quiser devorar você, você tem que dizer: ‘Tudo bem. Pode me devorar. Eu amo você. Tudo para fazer você feliz, Judith.’ É isso que você tem que fazer.” (53min:19seg). Max fica sem reação e KW vai até ele para socorrê-lo. Enquanto os dois se afastam, Judith grita com KW em tom ameaçador. Carol os observa, entristecido. Essa é a primeira falha de Max em seu reinado e, conseqüentemente, a primeira causa de seu declínio.

Longe dos demais, KW tenta confortar Max, que permanece triste e quieto. Ela propõe apresentar seus amigos Bob e Terry e a ideia anima-o. Eles chegam a uma praia onde dois pássaros sobrevoam. KW arremessa pedras em ambos. Eles caem ao chão e KW os pega em seus braços. Max fica perturbado com a cena e aparenta não saber como reagir. KW diz que Bob e Terry gostam quando ela faz isso com eles e então os apresenta formalmente. Os pássaros fazem apenas grunhidos, no qual KW os traduz a Max.

Figura 7 - KW com Bob e Terry em seus braços.



Fonte: *Onde Vivem os Monstros*, 2009.

Ainda um pouco constrangido, Max permanece sem saber como reagir com os pássaros. KW o incentiva, dizendo que ele pode perguntar qualquer coisa a eles, mas que seria melhor se ele fizesse a pergunta com no máximo sete palavras. Pausadamente, contando as palavras, Max diz: “Como... eu... posso fazer... todos... felizes?” (56min:53seg). Os pássaros respondem apenas com grunhidos novamente. KW diz que a ideia deles é ótima e que eles são incríveis, mas não traduz a Max o que eles disseram, o que o deixa desconcertado. Essa lacuna revela que Max não sabe como afastar a tristeza. Ele apenas deseja que ela deixe de existir. Ou seja, a todo tempo, Max apenas planejava unir todos os monstros, mas mesmo ele realizando esse feito, a tristeza ainda permanece entre eles. Portanto, seu reino começa a apresentar falhas justamente onde Max não consegue criar uma solução fantasiosa para um problema real: manter sua família unida.

KW sugere a Max que Bob e Terry morem com eles na fortaleza dos monstros. Max responde: “Tá, mas e o Carol?” (57min:36seg). KW diz que pode continuar gostando de Carol e ser amiga dos pássaros. Max fica desconfortável com a ideia, mas permite que KW os leve. Ao retornarem, a fortaleza está quase concluída. Max vai à procura de Carol. Ao encontrá-lo, Max elogia o trabalho de Carol. Ele agradece, diz que todos trabalharam muito e questiona onde Max esteve. Max responde que estava com KW, visitando Bob e Terry e acrescenta: “Eles querem muito conhecer você. Podem até ficar para dormir.” (58min:38seg). Nesse momento, KW entra na fortaleza com os pássaros. Todos os monstros, com exceção de Carol, aproximam-se dela e cumprimentam seus amigos. Os monstros, que aparentam compreender o que os grunhidos dos pássaros querem dizer, conversam com eles.

Carol incomoda-se com os visitantes, pois ele tem ciúmes de KW. Em voz alta, na intenção que todos ouçam, Carol pergunta a Max por que o dispositivo que arranca os cérebros de visitantes indesejados não ativou automaticamente. Todos os monstros, principalmente KW, ficam incomodados com a sua fala. Max responde que achou melhor esse dispositivo não ativar quando os visitantes forem conhecidos. KW exige que Carol peça desculpas para os pássaros, entretanto ele diz: “Não peço desculpas a corujas. Corujas são idiotas.” (1h:00min:05seg). Os monstros dizem que ele está sendo rude. Irritado, Carol confronta Max: “Por que os trouxe aqui? Este lugar deveria ser para nós. Eles não vão dormir amontoados com a gente.” (1h:00min:13seg). A cena é uma possível retratação do sentimento de Max em relação a sua família atual. Sua irmã Claire, que aparenta estar entrando na fase da adolescência, não é mais uma companheira em suas brincadeiras. Ela agora tem outros amigos (invasores vikings na imaginação de Max). Quanto a sua mãe, ela está namorando outra pessoa, um substituto para seu pai, no qual Max não aceita e por esse motivo, é visto como um invasor em sua casa.

Carol foge, mas Max o encontra e tenta consolá-lo. Eles conversam sobre os pássaros e revelam que ambos não entendem o que eles falam. Os dois riem, mas Carol volta a ter o semblante triste e diz que provavelmente todos estão zangados com ele. Ele pergunta se Max pode fazer algo para espantar a tristeza. Max sugere uma guerra com bolas feitas de lama seca. Eles retornam aos demais e organizam-se em times. Carol, KW, Douglas e Max integram o “time dos bonzinhos”, o restante, o “time dos malvados”. Inicialmente, todos se divertem. Porém, logo desentendimentos surgem entre eles. KW acaba machucando Carol e ele enfurece-se. Os dois discutem seriamente. Max os observa assustado e impotente. Carol vai embora e a guerra acaba. KW está desolada. Max vai até ela e tenta animá-la. Ela o agradece, mas revela que está sentindo-se mal e que não compreende o porquê ela decidiu retornar a viver com os monstros. Então ela parte para seu isolamento, abandonando os monstros novamente.

Ao anoitecer, os monstros se reúnem na floresta. Todos estão com feições tristes. A fotografia do filme retorna a tonalidades frias. Judith, em tom acusatório, indaga se é com guerras que Max pretende reinar, pois até os “malvados” estão sentindo-se tristes. Carol diz: “Max trará KW de volta. Ele vai manter todo mundo junto. Ele tem poderes. Ele nos disse. Certo, Max? Mostre-nos.” (1h:09min:00seg). Max levanta-se e começa a dançar. Todos o observam. “Não estou entendendo. Esperem, já entendi. É uma idiotice.” (1h:09min:43seg) diz Judith. Max imediatamente para de dançar e retorna ao seu lugar, entristecido. Os monstros levantam-se e abandonam-no. Nesse momento, começa a nevar na floresta. Até então, havia neve apenas nas cenas anteriores à partida de Max para ilha dos monstros, ou seja, no mundo real. Logo, nevar na ilha é como se houvesse uma grande abertura na fantasia de Max onde a realidade começasse a adentrar fortemente. Como se nesse momento, Max notasse que ainda está sozinho na floresta onde ele imaginou um barco. E assim, sozinho tanto em sua realidade quanto em sua fantasia, o reinado de Max encerra-se.

Figura 8 - Max sozinho na floresta.



Fonte: *Onde Vivem os Monstros*, 2009.

4 O RETORNO AO MUNDO REAL

Max adormece na floresta e ao amanhecer ele retorna até o penhasco mostrado na figura 5. Porém, agora ele está sozinho e o dia está nublado, mantendo a tonalidade da imagem fria. Ele retorna para a fortaleza e lá encontra apenas Alexander, o monstro com aparência de bode. Max nota uma ferida no corpo de Alexander e questiona se ela foi causada durante a guerra de lama. “É. Você mandou Douglas me acertar.” (1h:12min:43seg) diz Alexander. Max desculpa-se e diz: “Ninguém liga para você, não é?” (1h:13min:05seg). “Ah, você percebeu. É, você não está acostumado com isso porque é rei.” (1h:13min:06seg) responde Alexander. Max reflete e diz: “Eu destruí o relacionamento de vocês.” (1h:13min:23seg). Desde os primeiros minutos de filme, Max sente-se como se “ninguém ligasse para ele”. Logo, a fala de Alexander faz Max pensar sobre seus impulsos. Ele concluiu que suas atitudes são destrutivas, então revela seu sentimento de culpa de ser o causador da desunião dos monstros. Há nesse trecho a possibilidade de que, na realidade, Max sente-se culpado por ser o causador da desunião de sua família.

Alexander revela que sabia que Max não era um rei de verdade, mas ele não se importa com isso. Ele diz, porém, que é melhor que Carol não descubra. Ao anoitecer, a trilha sonora torna-se tensa criando uma atmosfera assustadora. Todos estão dormindo na fortaleza, mas não estão mais aninhados. Max é o único acordado e observa Carol. “Ele é um péssimo rei. De onde ele é? Aonde ele vai? Por que não está nos ajudando? Eu quero devorá-lo.” (1h:14min:15seg) diz Carol agressivamente enquanto dorme. Max fica assustado e esconde-se.

No dia seguinte, Carol vê Max desenhando uma pequena porta em uma das paredes da fortaleza e pergunta para que ela serviria. Max revela que planeja criar uma pequena porta secreta na fortaleza, na qual apenas ele poderá entrar. Carol fica incomodado e sugere que as portas secretas sejam grandes ao invés de pequenas. “Acho que não ia dar certo” (1h:15min:36seg) diz Max. Irritado, Carol golpeia a parede, criando um pequeno buraco. Contendo sua ira, ele diz: “Desse tamanho?” (1h:15min:47seg).

Ao anoitecer, Carol grita para que todos acordem. Ele diz que eles precisam destruir a fortaleza, pois o que eles haviam planejado não estava funcionando. Ele fala em voz alta olhando para Max: “Você disse que íamos dormir todos juntos e amontoados. E agora quer um quarto secreto. E KW foi embora para sempre. Ainda por cima o sol morreu. Olhe para ele [Carol aponta em direção ao céu]. Não apareceu. Está morto.” (1h:16min:42seg). Ao verem o céu escuro, os monstros se assustam. Max posiciona-se e fala que Carol está assustando a todos.

“O sol não está morto. É noite ainda.” (1h:17min:00seg) diz Max. Carol acusa Max de não ser uma pessoa confiável e chama Douglas para destruir a fortaleza. Max defende-se dizendo que a fortaleza não é apenas de Carol, mas de todos os monstros. “Era para você nos dar segurança. Devia cuidar de nós e não cuidou.” (1h:17min:26seg) profere Carol. Segurando o choro, Max grita um pedido de desculpa. “Você é um péssimo rei” (1h:17min:31seg) diz Carol. Douglas chama a atenção de Carol e revela que Max não é um rei de verdade, que é apenas um menino fantasiado de lobo, fingindo ser um rei. Carol surpreende-se com a revelação e diz que Douglas está mentindo. Douglas fala: “Olhe, eu só fingi acreditar porque sabia que você queria muito.” (1h:18min:01seg). Irritado, Carol grita para que Douglas não fale isso e o agride, arrancando um de seus braços. Max tenta impedir a agressão, mas falha. Ele grita para Carol: “Você está fora de controle!” (1h:18min:16seg). “Eu não estou descontrolado. Você deveria cuidar de nós! Você prometeu! Vou devorar você!” (1h:18min:16seg) responde Carol e tenta agredir Max, mas erra o golpe, o que dá a Max tempo para fugir. Observa-se que as falas de Max e Carol são similares às falas de Max e Connie (mãe de Max) no momento da discussão citada no capítulo 2 desta monografia. Logo, é plausível que Max esteja recriando o conflito com sua mãe, porém, nesse momento, ele está no papel de Connie e Carol, no de Max. O impulso agressivo que seria dirigido a sua mãe é retornado para Max. Em diversos trechos do filme é notado o desejo destrutivo de Max. Entretanto, esse desejo de destruir também está ligado ao seu desejo de autodestruição. Sigmund Freud (2010c, p. 85-86), esclarece sua teoria sobre o instinto de morte e sua relação com Eros.

Uma parte do instinto se volta contra o mundo externo e depois vem à luz como instinto de agressão e destruição. Assim o próprio instinto seria obrigado ao serviço de Eros, na medida em que o vivente destruiria outras coisas, animadas e inanimadas, em vez de si próprio. Inversamente, a limitação dessa agressão voltada para fora teria de aumentar a autodestruição, aliás sempre existente. (FREUD, 2010c, p. 86).

Além dessa dualidade entre destruição e autodestruição, é notado no decorrer da narrativa que Max, mesmo sendo rei, é ocasionalmente acusado e inferiorizado pelos demais monstros. Porém, por tratar-se de criaturas da imaginação de Max, essas acusações, na realidade, são autoacusações. Freud aponta que nas:

várias autoacusações de um melancólico, não conseguimos, afinal evitar a impressão de que frequentemente as mais fortes entre elas não se adequam muito a sua própria pessoa, e sim, com pequenas modificações, a uma outra, que o doente ama, amou ou devia amar. (FREUD, 2010b, 179)

Assim, conclui-se que ao assumir o papel de sua mãe, Max recebe as acusações de Carol, que na realidade são acusações de Max para sua mãe. Portanto, Max acusa-se de ser culpado pela desunião de todos, quando na verdade, essas acusações, inconscientemente, estão dirigidas aos seus familiares, por serem incapazes de manterem-se unidos.

Durante a fuga, Max acaba deixando sua coroa cair ao chão. Carol o persegue gritando seu nome. Olhando para trás enquanto corre, Max não percebe KW em sua frente e colide contra ela. Ao perceber que Max corre perigo, KW sugere a ele que entre em sua boca para se esconder, o que ele faz. Instantes depois, Carol encontra KW e pergunta hostilmente onde está Max. KW responde que não sabe. Carol grita que sente o cheiro de Max e que quer apenas falar com ele. KW diz que Carol está descontrolado e iria devorar Max. “Não, não. Eu não ia... Sei lá, eu só falei! Eu sou tão mau quanto ele diz?” (1h:19min:40seg) diz Carol. KW ordena que ele vá embora. “Eu só queria que ficássemos todos juntos.” (1h:19min:59seg) conclui Carol ao ir embora.

KW, frustrada com a situação, comenta que a atitude de Carol é inacreditável. Max, ainda dentro de KW, diz: “Ele não queria agir assim, KW. Só está assustado. [...] Ele ama você. Você é a família dele.” (1h:20min:26seg). “É difícil ser uma família.” (1h:21min:03seg) responde KW. Max pede para KW tirá-lo de dentro dela, pois ele está com dificuldades para respirar. Ela o retira e coloca-o ao seu lado. A trilha sonora torna-se calma e triste. Max diz que queria que os monstros tivessem uma mãe e anuncia que retornará para sua casa.

Max, ao fugir de sua agressividade autodestrutiva, ou seja, de Carol, refugia-se dentro de KW. Nessa cena, é como se Carol fosse a personificação de Tânatos e KW, de Eros. Esse conflito entre Carol e KW lembra que “na melancolia, travam-se inúmeras batalhas em torno do objeto, nas quais ódio e amor lutam entre si, um para desligar a libido do objeto, o outro, para manter essa posição da libido contra o ataque” (FREUD 2010b, p. 191). Max, nesse momento, está no papel de um membro de sua família, ou seja, está no papel do objeto perdido. Carol, ao desejar destruí-lo, mostra seu desejo de desligamento do objeto, enquanto KW o defende. Assim, percebe-se que a ameaça de Carol de devorar Max é destrutiva, enquanto em KW, o devorar é protetor. Revelando assim, a dualidade do sentido de “devorar” na mentalidade de Max. Como visto no capítulo 2 desta monografia, o conflito em que Max ameaça devorar sua mãe, acontece logo após ela não atender o seu chamado de entrar na sua “nave espacial” que a protegeria da destruição do sol. Quando Max diz para KW que está com dificuldades de respirar, Max mostra seu impulso de vida e renasce de dentro dela como um Max que reconhece que é incapaz de cumprir a promessa de destruir a tristeza, revelando a vitória de Eros sobre Tânatos.

Figura 9 – Renascimento de Max



Fonte: *Onde Vivem os Monstros*, 2009.

Ao amanhecer, Max procura por Carol. Ele vai até a caverna onde Carol havia mostrado a maquete feita de galhos, porém Carol não está e a maquete está completamente destruída. Max, com os galhos destruídos, faz um pequeno coração e parte novamente à procura de Carol. Ele o encontra próximo a uma árvore conversando com Douglas, que logo os deixa a sós. Carol questiona o que houve entre Max e os Vikings. Em resposta, Max diz que no fim, ele teve que partir. Assustado, Carol pergunta o porquê. “Não sou Viking nem rei... nem nada.” (1h:24min:31seg) diz Max. “Então, o que você é?” (1h:24min:39seg) pergunta Carol, friamente. Max pensa por alguns instantes e conclui: “Sou Max” (1h:24min:50seg). “Bom... não é muita coisa, certo?” (1h:24min:56seg) diz Carol e retira-se.

Max retorna para a praia onde está seu barco. Todos os monstros, com exceção de Carol, estão aguardando-o. Eles despedem-se e ajudam Max a posicionar seu barco para que ele retorne para a casa. Em paralelo, Carol está novamente na caverna, debatendo-se agressivamente para extravasar sua raiva. Entretanto, ele nota no chão o coração de galhos que Max fizera para ele. Carol chora e corre desesperadamente em direção à praia. Ao chegar, Max já está no mar. Percebendo que chegou tarde demais, Carol apenas olha para Max e uiva. Todos os monstros o acompanham. Max, com um sorriso triste, uiva em retorno. Essa cena é a uma possível recriação da despedida do pai de Max, ou seja, o surgimento do núcleo da melancolia de Max: a perda do ideal de família.

Max navega dias e noites novamente até retornar à mesma floresta onde havia partido. Com uma trilha sonora agitada, Max corre pelas ruas animado e uivando para os cachorros. Ao chegar em casa, a trilha sonora torna-se melancólica. Ele adentra calma e

silenciosamente, porém sua mãe o escuta e corre em sua direção. Ela abraça-o chorando. E sem dizer nada, ela o olha e sorri. Ela prepara uma refeição para Max, senta-se com ele e o observa comer. Seus olhos pestanejam e ela aparenta adormecer. Max a observa, intrigado e sorri.

5 CONCLUSÃO

Nos primeiros minutos do filme, é visto a relação de Max com seus familiares. Como mostrado no capítulo *A Melancolia de Max*, essa relação familiar possui feridas, nas quais distanciam seus membros, que preferem isolar-se em seus próprios cômodos. Não diferente, Max escolheu lidar com seu sofrimento sozinho. Tal qual Carol, que após ter a solicitação de ajuda negada, decidiu destruir as cabanas – ou seja, lidar com sua raiva – sozinho. E tal qual KW, que decidiu que longe de todos ela sofreria menos. O sentimento de solidão é algo que permeia o filme todo. Percebeu-se também que, aparentemente, os traços melancólicos de Max estão ligados com a desunião familiar e que ela gerou a perda do seu ideal de família. Porém, em momento algum foi possível notar que Max compreendeu conscientemente o que de fato ele perdeu, o que corrobora a colocação de que ele é uma criança melancólica.

Ao fugir de sua realidade e adentrar em sua fantasia, Max revelou suas frustrações, pois “pode-se dizer que somente a pessoa insatisfeita fantasia, jamais aquela feliz. Desejos não satisfeitos são as forças motrizes das fantasias, e cada fantasia é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória.” (FREUD, 2015, p. 330). No capítulo *Onde Vivem os Monstros* notou-se que o maior desejo de Max era tornar-se feliz e, através da fantasia que ele criou, essa felicidade deveria ser alcançada através da união entre os monstros. Seu método foi criar uma fortaleza, onde todos pudessem dormir juntos e assim, pudessem viver felizes. A relação de Max com os monstros, em alguns momentos, foram recriações dos acontecimentos negativos vistos em *A Melancolia de Max*. Em algumas dessas recriações, Max assumiu o papel de outros membros de sua família e os monstros, o de Max. Nisso, notou-se que Max, por exemplo, ao assumir o papel de sua mãe, sua agressividade, que na cena é representada em Carol, está sendo direcionada a ele próprio. Ou seja, Max é o alvo dos impulsos agressivos de que, na realidade, ele era o causador. Em outros termos, um ato de autodestruição e que, ao mesmo tempo, parece direcionado a outra pessoa.

Através da vivência na ilha dos monstros, pode-se notar um rearranjo especular do Eu em Max. Lacan (1996, p. 98) diz que o *estádio do espelho* é um processo de identificação do infante, “ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1996, p. 98). Essa identificação, porém, antes de o infante compreender que a imagem refletida se trata de uma repetição de sua própria imagem, ele a vê como um outro. Ao perceber que a imagem do espelho é ele próprio, o infante a enxerga como um *eu ideal*, onde tem início o narcisismo primário, ou seja, o investimento libidinal na própria imagem.

Entretanto, durante esse processo de identificação, o infante percebe que seu corpo deixou de ser fragmentado. Lacan (1996, p.100, grifo do autor) conclui que o “*estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade”. Assim, os monstros da imaginação de Max são como novos espelhos nos quais mostram sua imagem fragmentada, ora ele é a mãe, ora, o pai. Como na melancolia, a libido que deveria ser direcionada ao objeto perdido retorna ao Eu, isso causa uma identificação do Eu com o objeto. Logo, é plausível dizer que Max, ao assumir os papéis de seus familiares, revelou que eles são seus objetos perdidos.

No capítulo *O Retorno ao Mundo Real* foi visto que Max reconheceu que ele não era um rei, nem um herói, mas apenas um menino fantasiado de lobo. Assim, ele abandona os monstros sem cumprir sua promessa, dizendo apenas que gostaria que eles tivessem uma mãe. O sofrimento de Carol ao ver Max partir, apresentou ausência de palavras. Isso mostra que esse sofrer está fora da esfera da linguagem. É um sofrer mudo, onde apenas um uivo pode extravasar a dor, como se ela fosse uma dor física. E por esse trecho ser supostamente o núcleo da melancolia de Max, seria impossível para ele descrevê-la em palavras, pois ele não a compreende. Entretanto, também pode ser interpretado que ao sair de sua fantasia e retornar ao seu lar, Max tenha superado seus traumas e, portanto, saindo do seu estado melancólico. E isso, a partir das colocações de Sigmund Freud, não ocorre na melancolia.

Assim, conclui-se que podem ser encontrados elementos melancólicos em Max e em sua fantasia, porém a hipótese de que ele é uma criança melancólica aparenta ser falsa, devido ao suposto fim do ciclo dessa moléstia. Futuras pesquisas poderão analisar com mais profundidade a fabulação apresentada na obra, a agressividade e a regressão à fase oral.

REFERÊNCIAS

BAEZA, Fernanda Lucia Capitanio. SOARES, Paulo Fernando Bittencourt. Vivências psíquicas da infância no filme “Onde Vivem os Monstros”. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v. 12, n. 2. 2013. Disponível em: https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=120. Acesso em: 17 maio 2020.

BURTON, Robert. **A Anatomia da Melancolia**: volume II: a primeira partição: causas da melancolia; tradução de Guilherme Gontijo Flores. 1ª edição. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

CALVALCANTE, João Victor de Sousa. **Da Ilustração ao Cinema**: Onde Vivem os Monstros e a tradução do personagem. 2012. Monografia – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/25156>. Acesso em: 17 maio 2020.

CARIDADE, Waleff Dias. “Onde Vivem os Monstros”: uma análise psicanalítica sobre a fantasia. **Revista de Iniciação Científica da Universidade do Rio Verde**. Três Corações, v. 6, n. 1, p. 21-30. 2016. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/2645>. Acesso em: 17 maio 2020.

FREUD, Sigmund. **O delírio e os sonhos na Gradiva**, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909); tradução de Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”)**: além do princípio do prazer e outros textos; tradução de Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916); tradução de Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936); tradução de Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In. ZIZEK, Slavoj (Orgs.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 97-103.

ONDE VIVEM OS MONSTROS (Where The Wild Things Are). Direção: Spike Jonze.
Intérprete: Max Records. EUA: Warner Bros Pictures, 2009 (96 minutos).